

A portrait of Heloisa Jorge, a woman with a large, voluminous, curly brown afro hairstyle. She is wearing a bright red, high-necked, ribbed halter top. A silver hair clip is visible on the right side of her head. She is looking directly at the camera with a slight smile. The background is a plain, light gray.

Yellow
Special
Interview

Heloisa Jorge

Arte • Cinema • Cultura • Música

carta^{do} editor

Nesta edição da Special Interview, convido você a acompanhar o encontro entre imaginação e rigor criativo. **Heloisa Jorge** ocupa o centro de um gênero historicamente reservado a outros corpos e transforma o fantástico em espelho político. Em *Vermelho Sangue*, interpreta uma cientista que desafia os limites da genética e da representação. Com precisão e coragem, mostra que ser mulher negra no coração da fantasia é também um ato de realismo.

Sua atuação representa uma inflexão rara no audiovisual brasileiro. Em Carol, bióloga de projeção internacional e mãe de uma lobinoça, a atriz dá vida a uma heroína que se afirma pela vulnerabilidade. Nada em sua interpretação é literal: o impossível, quando vivido com entrega, ganha corpo e gesto. Para ela, a fantasia não é fuga, mas instrumento de verdade. Entre método e instinto, cada movimento nasce de uma ética aprendida no teatro e atravessada pela coragem de quem reconhece a vida como risco.

Angolana de origem, baiana de formação e brasileira de coração, Heloisa transformou o sentimento de não lugar em linguagem. Fez da arte território e da cena espaço de reconhecimento, construindo uma trajetória que combina potência técnica e consciência política. Inspirando-se

em figuras como **Jaqueline Góes de Jesus**, científica negra e nordestina que coordenou o sequenciamento do genoma da COVID-19, reafirma a força de histórias que a televisão raramente ilumina.

Em suas palavras, há escuta. Em sua postura, a serenidade de quem sabe que rigor também é forma de amor. Entre atriz e mulher, não há fronteira nítida, apenas continuidade. “Muitas Heloisas coexistem em mim”, diz ela, celebrando a beleza do plural.

Ao final, o que permanece é o diálogo entre as Heloisas que atravessam o tempo. A jovem que chegou a Salvador para estudar teatro ficaria admirada e orgulhosa do caminho percorrido. A Heloisa nos bastidores de Vermelho Sangue lembraria àquela jovem de continuar se dedicando, porque, apesar dos desafios, há também muita beleza na escolha diária de ser atriz. E Carol, personagem e mulher, nos ensina a celebrar o prazer sem culpa, reconhecendo que, para além da maternidade, é possível ser inteira, potente e viva.

Boa leitura!

Carlos Mossmann
EDITOR CHEFE
Yellow Magazine

YELLOWMAGAZINE

para almas sensíveis e mentes inquietas

HELOISA

Jorge

Entre a ficção científica e o instinto, a atriz faz de Vermelho Sangue uma experiência sobre verdade, desejo e sobrevivência

texto por CARLOS MOSSMANN

fotografia por MARIA MAGALHÃES

No coração lupino de **Vermelho Sangue**, o **Globoplay** apresenta uma heroína rara no audiovisual brasileiro: uma mulher negra que conduz um realismo fantástico pulsante de desejo, ciência e perigo. **Heloisa Jorge** surge como Carol, bióloga de projeção internacional, workaholic de precisão cirúrgica e mãe de Luna, uma lobomoça que se transforma em loba-guará a cada lua cheia. A série abre as portas da fantasia, e a atriz as atravessa não apenas como protagonista, mas como sinal de inflexão. É a confirmação, como ela afirma, de que artistas negros podem e devem contar histórias diversas, plurais, inclusive fantásticas.

Nada em Carol é simples, tampouco na intérprete. O convite da

diretora **Patrícia Pedrosa** despertou nela uma curiosidade inédita: experimentar um gênero que ainda não havia tocado no Brasil, com efeitos especiais intensos e uma protagonista inquieta, falha e contraditória. O fascínio foi imediato. No roteiro havia uma fricção produtiva: ficção científica entrelaçada à vida íntima de uma mãe capaz de tudo pelos filhos. Um enredo em que os segredos pedem fuga, as noites pedem silêncio e a ética pede coragem. “Nosso compromisso era aprofundar as relações; os efeitos viriam depois, a partir do que entregássemos.” A artista entendeu cedo o pacto da série: a fantasia não existe sem a verdade do gesto. O impossível ganha corpo quando o olhar treme.





Antes de vestir o jaleco da ficção, ela buscou quem veste o jaleco da vida. O ponto de partida foi uma cientista que virou bússola: **Jaqueline Góes de Jesus**, biomédica negra, baiana, doutora pela **UFBA**, a mesma universidade em que a atriz se formou, e responsável por coordenar a equipe que sequenciou, em tempo recorde, o genoma do coronavírus no Brasil. A referência não foi mero tributo; foi dramaturgia. Em Carol, a artista pergunta pelo reconhecimento devido: pela liderança de uma mulher negra em ambientes historicamente brancos, masculinos e elitizados. Indaga pelas narrativas que ainda não chegaram ao cinema. *“Eu só pensava: caramba, foi uma mulher negra que fez a diferença na luta contra a COVID no Brasil.”* A inquietação virou fibra da personagem e do enredo íntimo que a intérprete escolheu habitar.

Carol nasce do choque entre laboratório e instinto. Cientista rigorosa e mãe superprotetora, ela sustenta um controle que resguarda e, ao mesmo tempo, limita. A educação da filha, Luna (**Letícia Vieira**), carrega as marcas de um amor que aprisiona; uma proteção que, por excesso, empobrece o repertório emocional. É nesse território de contradições que a atriz opera, onde razão e instinto se enfrentam. *“O mais desafiador foi integrar as partes para além da cientista e da mãe: a descoberta da individualidade, do prazer, do feminino; o vazio da ausência do outro filho e a solidão.”* É aqui que ela convoca uma matéria-prima íntima: ferocidade como estratégia de sobrevivência. *“Eu me considero tão obstinada e feroz quanto a Carol. Se eu não tivesse fúria, teria ido por um caminho bem diferente.”* Interpretar a mãe de uma lobimoça exige lidar com o desconhecido que também nos habita. Não há metamorfose mítica sem metamorfose emocional.

A estética do impossível, por sua vez, pede método. Foi a primeira vez que a artista trabalhou com tantos efeitos especiais. Na preparação de elenco, o grupo estabeleceu um norte: relações antes de pirotecnia. Os efeitos viriam na pós-produção, mas o motor seria o entrelaçamento humano, a vida no detalhe, o real em tensão com o fabuloso. Quando assistiu às primeiras imagens, a surpresa veio acompanhada de maravilhamento. A série tem brilho plástico, mas sua força irradia do que acontece entre as pessoas. O fantástico só cumpre seu destino quando encontra respiração, pausa e ferida.

Esse rigor de processo tem origem conhecida: o teatro. Angola na infância; Brasil desde os 12 anos; formação baiana. A atriz estudou na Universidade Federal da Bahia, integrou a **Cia. do Abdias do Nascimento**, foi indicada duas vezes ao **Prêmio Braskem**, protagonizou o musical **Dona Ivone Lara**, participou de **O Jornal: The Rolling Stone**, dirigida por **Lázaro Ramos**, e de produções ligadas à obra de **Chico Buarque**. Essa base não é apenas currículo; é ética de criação e talvez também a chave para compreender suas identidades em trânsito. *“O teatro me ensinou disciplina, rotina, prazer no processo e na investigação. Isso me serve de bússola no set.”* Para uma mulher negra, o set adiciona camadas de exigência e vigilância. O treino teatral funciona como chão em terreno íngreme: escuta, coletividade, clareza técnica e musculatura de presença.

**“SE EU NÃO TIVESSE
FÚRIA, TERIA IDO
POR UM CAMINHO
BEM DIFERENTE DO
QUE EU TRILHEI
ATÉ AQUI”.**

Há geografias em confluência. Durante anos, perguntaram à intérprete se ela era mais angolana ou mais brasileira. Hoje, a resposta recusa hierarquias. “Sou tão angolana quanto brasileira, e essa é a minha grande riqueza.” Em seu mapa afetivo, Angola é origem; Salvador é casa; o Brasil é território de criação. Fronteiras fluidas, não cercas. Os dez anos vividos na Bahia foram decisivos para deslocar o sentimento de não lugar, tão comum a trajetórias migrantes. Ali, ela se sentia tão em casa quanto em Angola. A carreira que começou no teatro se multiplicou em televisão e streaming, em produções como **Gabriela, Liberdade, Liberdade, A Lei do Amor, A Dona do Pedaço, Mar do Sertão, Sob Pressão, Falas Negras, Juntos a Magia Acontece 2, Sentença, Jogo da Corrupção, How to Be a Carioca e Fim**. O arco é vasto; a assinatura, precisa.

Se a lua agenda metamorfoses em **Vermelho Sangue**, a trajetória da artista também se organiza em fases vivas. Com o tempo, a lógica da escassez cedeu espaço para um projeto de vida com horizonte, em que a palavra “escolha” ganha centro. “Tenho traçado estratégias de médio e longo prazo; me sinto mais expandida, com as rédeas da minha trajetória nas minhas mãos.” O mercado mudou desde 2003. Os desafios se sofisticaram. Ainda assim, a atriz substitui reação por desenho: curadoria do que quer contar e de como quer contar. Na encruzilhada entre rigor e risco, ela segue adiante.

Esse desenho inclui, agora, outro universo de urgência: **Emergência 53**, uma série sobre o cotidiano de profissionais de uma unidade especial do serviço móvel de urgência, médicos, enfermeiros e motoristas de ambulância. Uma coprodução da **Conspiração Filmes** com o **Globoplay**, dirigida por **Andrucha Waddington, Claudio Torres, Rebeca Diniz e Pedro Waddington**, com estreia prevista para 2026. Do laboratório ético de Carol à pressão clínica do plantão, a linha que liga os trabalhos é a responsabilidade diante da vida. “As personagens sempre deixam marcas; acordamos para coisas que antes passavam despercebidas. Ser atriz nos dá a chance de melhorarmos como cidadãos.” Ao fazer Carol, em **Vermelho Sangue**, a intérprete aprofundou a pesquisa sobre cientistas negras no Brasil e sobre as dinâmicas de poder em espaços elitizados. Onde atua, investiga. Onde investiga, desloca estruturas.

*“ME INTERESSEI
EM IR ATRÁS DE
REFERÊNCIAS
PRETAS E SUAS
PESQUISAS
NO UNIVERSO
DA CIÊNCIA
BRASILEIRA,
SABER O QUE
ELAS PENSAM, OS
DESAFIOS QUE
ELAS ENFRENTAM
DENTRO DE
AMBIENTES
CLASSISTAS,
BRANCOS E
MASCULINOS”.*







O risco muda de rosto conforme a linguagem. No teatro, o imprevisível é coautor: a plateia interfere; cada apresentação é única; há vertigem. No audiovisual, existe controle e repetição, mas não há segurança que anule a escolha. Cada take é um risco de outra natureza. “*Os dois lugares me nutrem muito.*” Se reuníssemos todas as personagens da artista numa mesa, a coreografia seria fascinante. Fabiana, sua estreia no remake de **Gabriela**, talvez não entendesse a intensidade de Carol. Moira, a advogada de **Sentença**, compreenderia de imediato: mãe, guardiã de segredos, ética em atrito.

E hoje, quem fala mais alto? A pesquisadora de personagens ou a mulher que observa o mundo em silêncio antes de agir? A atriz recusa cisões fáceis. “*Muitas Heloisas têm coexistido em mim, e tenho me permitido ser todas. Geralmente, o ponto de partida é a escuta e a observação.*” A jovem que chegou à Bahia para estudar teatro, se esbarrasse com a Heloisa de agora nos bastidores de **Vermelho Sangue**, se reconheceriam sem saudosismo. Uma diria que sente orgulho do caminho. A outra responderia: continue; há beleza em escolher diariamente ser atriz.

No centro de tudo permanece Carol: cientista brilhante, mãe alerta, mulher que descobre a própria fome de mundo enquanto enfrenta o desconhecido ao lado da filha. Em Guarambá, cidade fictícia em Minas Gerais, onde sua pesquisa recebe financiamento da VPTech, Carol encara dilemas novos, a adolescência de Luna, as ameaças de Otto, os perigos que cercam a família. A artista sustenta a tensão com doçura e dureza, combinação rara. E, quando o texto pede uma fresta de ousadia, ela oferece um conselho sem adorno, inesperado e necessário: “*Gozar mais e sentir prazer sem culpa, porque, para além de mãe, ela é uma grande mulher.*” É também um recado a outras mulheres que equilibram ciência, cuidado e desejo.

Talvez esse seja o gesto mais radical de Vermelho Sangue: provar que a fantasia, quando alimentada por pesquisa e afeto, pode ser realista de um modo que a realidade não costuma permitir. Ao lado de **Letícia Vieira**, **Milhem Cortaz**, **Lucas Leto** e **Rodrigo Lombardi**, a atriz faz do extraordinário um exercício de humanidade. Entre a lua e o laboratório, ela confirma que não há gênero em que mulheres negras não possam ser centrais, e que a ferocidade, quando encontra método, se transforma em linguagem. A imaginação, aqui, é política. E Heloisa, com precisão de bióloga e pulso de loba, abre caminho.



Quer criar projetos especiais conosco? Estamos sempre abertos a novas ideias, parcerias criativas, branded content e oportunidades de publicidade. Seja para desenvolver conteúdos exclusivos, colaborar em pautas inovadoras ou criar campanhas que conectem marcas e leitores, estamos prontos para ouvir você.

Entre em contato e vamos conversar:

Para Pautas: *contact@yellowmagbrasil.com*

Para Publicidade: *yellowmag@vaideonda.com.br*
www.yellowmagbrasil.com

ESCANEE O QR CODE PARA NOS
ACOMPANHAR NO INSTAGRAM.



A black and white close-up portrait of a woman with voluminous, curly hair. She is looking directly at the camera with a neutral expression. A metallic hair clip is visible on the right side of her head. She is wearing a dark, ribbed turtleneck sweater. The background is dark and textured.

YELLOW MAGAZINE

WWW.YELLOWMAGBRASIL.COM